

## **Carolina de Jesus e a vivência de uma mulher na década de cinqüenta**

Graciela Gonçalves **SCHERDIEN**<sup>1</sup>

Juliana Néri **MUNHOZ**<sup>2</sup>

Carolina Maria de Jesus em *Quarto de despejo* retrata seu cotidiano e toda problemática da condição de uma mulher que sofre preconceitos por viver na favela, ser negra e mãe solteira de três filhos.

A autora nasceu em 1917 no Sul de Minas Gerais onde passou sua infância, o que nos leva a pensar, histórica e socialmente, a discussão sobre o papel da mulher no período entre o decênio de 1920 e 1950. Carolina contrariaria o sistema familiar pré estabelecido como “normal” neste período, segundo o qual os homens deveriam ocupar o lugar de provedores financeiros e chefes da família e as mulheres encarregarem-se das atividades domésticas, como cuidar dos filhos, da casa, da comida, entre outras coisas. A própria Carolina nos conta que recebeu uma educação voltada às atividades domésticas.

Mas o que de fato está presente nesta obra, autobiográfica, é a visão de Carolina sobre a condição da mulher e suas críticas voltadas à percepção do cotidiano feminino, com suas coerências e contradições, particularmente, aquelas vivenciadas na favela do Canindé. Em seus relatos, notamos alguns elementos que nos inspiram a pensar sobre certas condutas estabelecidas socialmente e como a autora lida com elas.

Muitas das normas ou regras ditadas pela elite não era a realidade vivenciada pela maioria dos brasileiros, pois as desigualdades sociais impediam a absorção dessas condutas. No entanto, mesmo incorporado de forma desigual, esse pensamento

---

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Sociais pela FFC/UNESP, participou do seminário de estudos sobre *Quarto de despejo*, pesquisa a ética e a política nos quadrinhos e sua representação no cinema.

<sup>2</sup> Graduanda em Ciências Sociais pela FFC/UNESP, membro do Grupo de Estudos de Literatura e Cinema.

dominante é o que baliza o juízo sobre as condutas de todas as pessoas indistintamente: independentemente das condições ou não de exerce-las como tal.<sup>3</sup> Assim, o retrato da favela no diário de Carolina, exprime aspectos referentes às desigualdades e assimilações, as quais são insidiosas de alguns preconceitos em relação às mulheres, cujas faces podemos compreender analisando alguns trechos do seu livro:

“[...] se estou grávida não é de sua conta. Tenho pavor destas mulheres da favela. Tudo quer saber! A língua delas é como pés de galinha. Tudo espalha. Está circulando rumor que estou grávida! E eu, não sabia!” (Carolina de Jesus, p. 12).

É de se supor que haveria padrões e regras de comportamento cobradas e exigidas pelas próprias moradoras da Favela do Canindé, que exerceriam o poder de pressão e controle sobre as demais mulheres através do que Carolina define como fofoca, ou *espalhar o boato*. Uma prática, segundo a autora, que desrespeitava qualquer individualidade em favor de um comportamento pré-definido como “normal”:

“[...] Se uma mulher está engordando, elas dizem que está grávida. Se está emagrecendo elas dizem que está tuberculosa.” (Carolina de Jesus, p. 51).

Carolina descreve essas práticas em seu diário demonstrando a diferenciação do pensamento sobre o homem e a mulher, na medida em que as intrigas, boatos e comentários são atribuídos ao mundo feminino da favela e não ao masculino. Em outro trecho, a autora deixa clara sua visão acerca dessa diferenciação social:

O dia de hoje me foi benéfico. As rascoas da favela estão vendo eu escrever e sabe que é contra elas. Resolveram me deixar em paz. Nas favelas, os homens são mais tolerantes, mais delicados. As bagunceiras são as mulheres. As intrigas delas é igual a de Carlos Lacerda que irrita os nervos. E não há nervos que suporta. Mas eu sou forte! Não deixo nada imprecionar-me profundamente. Não me abato (Carolina de Jesus, p. 18).

Embora Carolina compare a atitude das mulheres às de um homem, no caso Carlos Lacerda, sua crítica nos remete tanto às mulheres quanto ao cenário político nacional, espaço de intrigas ou de intrigueiros.

---

<sup>3</sup> Este assunto é abordado por Marina Maluf e Maria Lucia Mott no livro “História da vida privada no Brasil 3”, no capítulo “Recônditos do mundo feminino”, 1998.

Desafiando o papel clássico reservado à mulher, Carolina se sente alvo de inveja por parte de suas vizinhas. E comenta: “[...] Ela odeia-me. Diz que sou preferida pelos homens bonitos e distintos. E ganho mais dinheiro do que ela” (Carolina de Jesus, p. 13).

Os preconceitos existentes sobre as mulheres “pesam” sobre Carolina de uma forma hostil, pois o padrão da mulher, dona de casa, em sua casa confortável, era almejado por ser o ideal de felicidade proposto. Neste sentido, a autora, além de não possuir as condições mínimas necessárias para viver humanamente, estava fora dos padrões do que era considerado a “felicidade”. E esse padrão, embora espelhasse a necessidade criada por e para uma classe dominante, se difundia para o restante da população, mesmo não condizendo com situação da maioria da população feminina no Brasil. A mulher, desde a mais tenra idade, era educada para exercer o papel de esposa e mãe, ser protegida de um homem dentro de um lar provido pela figura masculina. Mas, Carolina não tem porque seguir a regra, já que a realidade contrasta com o padrão estabelecido: a maioria de suas vizinhas casadas sofrem a violência perpetrada por seus próprios maridos. Carolina se mostra indignada com a situação destas mulheres e reafirma sua posição de mulher solteira:

(...) Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. (...) E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite, enquanto elas pede socorro eu tranqüilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tábuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres da favela que levam vida de escravas indianas. (...) Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis. (JESUS, 18/05/55, ver página)

Carolina se sente agradecida por não ter casado, pois, por mais que sofresse preconceitos por ser mãe solteira na década de cinquenta, ela se tranqüiliza em não sofrer as agressões domésticas e, de certa forma, sente-se vitoriosa por ter conseguido viver sem a dependência de alguém. No entanto, às vezes se queixa da sua condição de chefe de família, “[...] Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar” (p. 19), sugerindo que também não está livre dos reflexos do pensamento

dominante desse período, quando ao homem cabe o papel de responsável pelo sustento e manutenção do lar.

Isso tudo não significa que Carolina possuísse o ideal de algum movimento feminista, pelo contrário, esta causa é pessoal e envolve sua luta diária pela sobrevivência, independência etc. Além disso, ela mesma afirma que homem nenhum agüentaria viver com uma mulher que acorda e dorme com o lápis na mão; e ela emenda, desta vida jamais abriria mão!

Um dos pontos fundamentais para compreendermos, pelo menos, alguns aspectos de Carolina é a sua ligação com o diário que escreve, pois podemos perceber que a autora frisa muito o fato de saber *ler e escrever*. A educação escolar foi um meio utilizado para a emancipação da mulher entre as décadas de vinte e cinquenta, já que somente através da desta forma de educação a mulher podia trabalhar fora de casa e ser respeitada exercendo a função de professora<sup>4</sup>. Em Carolina, lê-se: “[...] Eu nada tenho que dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa. Queria que eu estudasse para professora. Foi as contingências da vida que lhe impossibilitou concretizar o seu sonho.” (Carolina de Jesus, p. 43) Ainda lembrando da infância e do seu projeto de futuro, a autora diz: “[...] Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a história do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria”. (Carolina de Jesus, p. 48)

Os dois trechos destacados indicam as dificuldades pelas quais as mulheres tiveram de passar para que fossem aceitas na dimensão da vida pública. Conforme conta Carolina e observa a historiadora Guacira Lopes Louro (1997), a profissão de professora era o que poderia garantir um mínimo de emancipação à mulher em termos de ocupar o mercado de trabalho. Mas, a escritora observa que em seus sonhos de infância, ela queria mais: como só os homens detinham cargos importantes e ocupavam a esfera do poder, fazendo-a constatar que não poderia exercer nenhum deles sendo mulher, logo procurava, em uma fantasia literária, o final do arco-íris e o lugar onde, segundo as estórias de sua mãe, ela poderia se transformar em homem e, assumir a condição, se fosse o caso, de defensor da pátria...

---

<sup>4</sup> Guacira Lopes Louro retrata o papel da mulher na sala de aula desde o final do século XIX ao começo do século XX, discutindo a problemática sobre a inserção da mulher, por exemplo, no mercado de trabalho através da profissão de professora.

O que podemos perceber claramente em seus relatos é seu posicionamento fora do contexto da maioria das mulheres, pois sua aceitação da realidade não era passiva, embora na maioria das vezes não tivesse consciência disso. Em seu diário, a autora retrata inúmeros aspectos da situação da mulher na década de cinquenta, não de uma forma teorizada, mas sim vivenciada por ela. O diário significa para Carolina uma possibilidade de se diferenciar dos outros, de mudar seu cotidiano de mulher favelada, de se sentir e “ser” maior que a miséria de seu cotidiano.

## Referências

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo – Diário de uma favelada*. São Paulo: Editora Àtica, 19?

LOURO, Guacira Lopes. “Mulheres na sala de aula”. In: DEL PRIORI, Mary (org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo. Edusp/Contexto, 1997, pp. 441 – 463.

MALUF, Marina e MOTT, Maria Lucia. “Recônditos do Mundo Feminino”. In: Nicolau Sevckenko (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. República: da Belle Époque à Era Rádio. São Paulo, Cia das Letras, 1998, pp. 368 – 421.

despejo,